

Milvus migrans
Milhafre-preto

Taxonomia

Família: *Accipitridae*.

Espécie: *Milvus migrans* (Boddaert 1783).

Código da Espécie : A073

Estatuto de Conservação:

Global (UICN 2004): LC (Pouco preocupante).

Nacional (Cabral *et al.* 2005): LC (Pouco preocupante).

Espanha (Madroño *et al.* 2004): NT (Quase ameaçado).

SPEC (BirdLife International 2004): 3 (Espécie com estatuto de conservação desfavorável, não concentrada na Europa).

Protecção legal:

- Decreto-Lei nº 140/99 de 24 de Abril, Transposição da Directiva Aves 79/409/CEE de 2 de Abril de 1979, com a redacção dada pelo Decreto-Lei nº 49/2005 de 24 de Fevereiro - Anexo I
- Decreto-Lei nº 316/89 de 22 de Setembro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Berna - Anexo II
- Decreto-Lei nº 103/80 de 11 de Outubro, transposição para a legislação nacional da Convenção de Bona - Anexo II
- Decreto-Lei nº 114/90 de 5 de Abril, transposição da Convenção de Washington (CITES), Regulamento CE nº 1332/2005 de 9 de Agosto (alteração ao Reg. CE nº 338/97 de 9 de Dezembro) ó Anexo II-A

Fenologia: Nidificante estival.

Distribuição:

Global: O Milhafre-preto tem uma distribuição mundial muito alargada encontrando-se pelas áreas temperadas, sub-tropicais e tropicais do Velho Mundo e Australásia (Viñuela & Sunyer 1994, Del Hoyo *et al.* 1994).

A sua área de distribuição na Europa compreende a Albânia, Alemanha, Áustria, Bélgica, Bielorrússia, Bulgária, Croácia, Eslováquia, Eslovénia, Espanha, Estónia, Finlândia, França, Grécia, Holanda, Hungria, Itália, Letónia, Liechtenstein, Lituânia, Luxemburgo, Moldávia, Polónia, Portugal, República Checa, Roménia, Rússia, Suécia, Suíça, Turquia e Ucrânia (BirdLife International/European Bird Census Council. 2000).

As aves europeias invernam a Sul do Saara, na África Tropical e sub-tropical; as da Europa ocidental migram maioritariamente por Gibraltar, embora algumas sigam pelo Estreito de Messina (Itália) enquanto que as populações orientais, migram pelo Estreito de Bósforo e Sinai (Viñuela & Sunyer 1994).

Nacional: Em Portugal distribui-se por quase todo o país, estando no entanto praticamente ausente no Minho, Douro Litoral, Estremadura e da zona sul do Algarve (Rufino 1989, Palma *et al.* 1999). É particularmente abundante no vale do Baixo Mondego, sendo frequente no vale do Tejo e em algumas áreas do Alentejo. No resto do país a sua densidade é variável, sendo função das disponibilidades de habitat (Rufino 1989).

Tendência Populacional:

Não se conhece com rigor a tendência populacional do Milhafre-preto em Portugal, mas observações empíricas de ornitólogos nacionais (C. Pacheco, A. Monteiro, N. Onofre, C. Cruz, com. pess.) e os dados preliminares do Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal (ICN em prep.) indiciam que a população tem vindo a aumentar e a expandir a sua área de distribuição.

Abundância:

Não existem estimativas precisas para a população nidificante em Portugal. No início da década de 1980, foi estimada entre 900 e 1200 casais (Palma *et al.* 1985). Nos anos 90 Palma *et al.* (1999) estimam grosseiramente a população nidificante no nosso país em 650-950 casais. Em publicação mais recentemente (BirdLife International 2004) fundamentada para Portugal numa compilação realizada pela SPEA, baseada no conhecimento diversos ornitólogos de diferentes áreas do país, a população nacional de Milhafre-preto foi estimada em 800-1600 casais. No Baixo Mondego encontrara-se uma parte muito significativa da população portuguesa, existindo aí provavelmente mais de 200 casais (C. Pacheco com. pess.). No Alentejo e alguns locais do centro do país, existem colónias de algumas dezenas de casais, principalmente perto de albufeiras ou de áreas com elevada disponibilidade alimentar, nomeadamente nas proximidades de aterros sanitários ou de locais com populações abundantes de coelho. Num estudo efectuado no final dos anos 90, com o objectivo de determinar a densidade de aves de rapina diurnas em diversos pontos do país, as densidades mais altas foram encontradas no Parque Africano, nas proximidades de Arraiolos, com 10,3-14,5 casais/100 km² e em Mora-Pavia, com 3,4-5,6 casais/100 km².

Requisitos ecológicos:

Habitat: O milhafre-preto frequenta um leque diverso de habitats, aparecendo principalmente associado a massas de água ó grandes rios e albufeiras ó, mas também a zonas florestais pouco densas, nomeadamente montados de sobre e de azinho, pinhais dispersos, vales e outros terrenos planos, buscando alimento em culturas agrícolas, restolhos, pousios, pastagens, terrenos lavrados, matos baixos e também nas imediações de zonas humanizadas como povoações, montes, quintas, explorações pecuárias, lixeiras e estradas. Nidifica geralmente em pinhais, montados (não demasiado abertos), matas ripícolas e outros bosquetes e ou linhas de folhosas.

O milhafre-preto em Portugal instala os ninhos exclusivamente em árvores. Podem nidificar isoladamente ou em pequenos aglomerados, formando colónias geralmente pouco densas. A excepção ocorre no vale do Baixo Mondego, onde existe no parque da cidade (Choupal) uma colónia com mais de 50 casais (C. Pacheco & L. Leitão com. pess.). Na Beira Alta e em Trás-os-Montes nidifica habitualmente em bosquetes de pinheiro-bravo, enquanto que no Alentejo e Ribatejo os ninhos são mais frequentes em montados, matas ribeirinhas e, nas zonas mais abertas, em eucaliptos. Na Beira Litoral nidifica habitualmente em árvores de grande porte, principalmente eucaliptos e pinheiros bravos, mas também em folhosas maduras.

Espécie muito adaptável e oportunista que busca alimento em áreas abertas e semi-abertas e também sobre cursos e planos de água (rios ou albufeiras). Procura alimento em culturas agrícolas, restolhos, pousios, pastagens, terrenos lavrados, matos baixos nas proximidades de zonas humanizadas como povoações, montes, quintas, explorações pecuárias, aterros sanitários e estradas, onde recolhe cadáveres de animais vitimados por atropelamento. É também frequentador regular de campos de alimentação de aves nerófagas ou de vazadouros de explorações cinegéticas, sendo companhia habitual dos grandes abutres nas regiões raianas.

Durante a época de reprodução, os casais dormem no ninho ou nas suas imediações. Os indivíduos não reprodutores e os adultos fora da época de reprodução formam dormitórios comunais, que podem ter dezenas ou mesmo centenas de indivíduos. No Choupal, em Coimbra, foram já contados por diversas vezes a entrar no dormitório cerca de 350 indivíduos (C. Pacheco com.pess.). Os dormitórios podem localizar-se vários anos nas mesmas árvores (Cramp & Simmons 1980).

Alimentação: Alimenta-se principalmente de presas de pequeno porte, como roedores, lagomorfos, aves terrestres e ouriços-cacheiros, especialmente indivíduos jovens, feridos ou doentes e também peixes, répteis, anfíbios e insectos. É também necrófago regular e frequentador habitual de aterros sanitários. Ocasionalmente consome minhocas, moluscos e crustáceos (Cramp & Simmons 1980, Viñuela & Sunyer 1994).

Por vezes persegue outras aves (incluindo o Gavião *Accipiter nisus*, o Peneireiro-malhado *Falco tinnunculus*, a Ógea *Falco subbuteo*) até estas deixarem cair o alimento, ou no caso das garças (*Ardeidae*) até estas expelirem a comida; ataca de surpresa os ninhos de garças para lhes ficar com o peixe (Cramp & Simmons 1980).

Reprodução: O Milhafre-preto é gregário, na maior parte do tempo, solitário ou colonial durante a reprodução (Cramp & Simmons 1980, Del Hoyo *et al.* 1994). Espécie monogâmica, que mantém o mesmo par durante vários anos, embora essa ligação seja aparentemente sazonal nas populações migradoras. A época de reprodução inicia-se em Março, sendo as posturas realizadas geralmente em Abril. As crias atingem a independência em finais de Junho e urante o mês de Julho. Ambos os progenitores cuidam e alimentam as crias, geralmente em número de 1 a 3. Crias semi-altriciais e nidícolas (Cramp & Simmons 1980, Del Hoyo *et al.* 1994). As posturas, geralmente de 2 ou 3 ovos, são incubadas durante 31-32 dias e as crias permanecem no ninho cerca de 50 dias.

Encontra-se por vezes a nidificar, em colónias de Cegonha-branca e de garças (*Ardeidae*) (Cramp & Simmons 1980).

Ameaças:

Os métodos de prospecção de alimento (voo baixo e lento) do Milhafre-preto bem como os seus hábitos alimentares (necrofagia regular), tornam-no uma espécie vulnerável à perseguição, abate directo e envenenamento, sendo estes uns dos factores de ameaça mais importantes.

- O **abate ilegal** constitui um factor de mortalidade desta espécie.
- O **envenenamento de iscos e carcaças** para controlo ilegal de predadores das populações de espécies cinegéticas e pecuárias constitui um importante factor de mortalidade não natural.
 - A **redução da disponibilidade alimentar** devido às novas restrições higieno-sanitárias, que obrigam à recolha ou destruição dos cadáveres provenientes das explorações pecuárias.
- O **abandono do pastoreio extensivo** resulta em redução de gado morto e das placentas nos campos.
 - A **utilização de agro-químicos e pesticidas** intervém directa e indirectamente, aumentando a mortalidade, reduzindo as suas taxas de reprodução e a disponibilidade de presas para a alimentação das crias.
 - A **colisão e electrocussão** em linhas de transporte de energia pode ser um factor de mortalidade importante.
 - A instalação de **parques eólicos** em corredores importantes para a migração e dispersão de aves pode constituir uma importante factor de mortalidade da espécie através da colisão nas pás dos aerogeradores. No entanto o desconhecimento sobre esta problemática permite poucas conjecturas sobre o seu efeito na população nacional, que dependerá da tipologia e localização das estruturas. Os traçados eléctricos que estão associados aos parques eólicos constituem outro problema importante devido aos subsequentes riscos de colisão e electrocussão.
 - Os **incêndios florestais**, por destruírem os biótopos de nidificação em algumas regiões, constituem um factor limitante.
 - A **pilhagem dos ninhos**, principalmente durante as actividades de descortiçamento e de recolha de pinhas, pode ser localmente relevante.

Objectivos de Conservação:

- Manter a tendência positiva da população.
- Conservar os biótopos de nidificação, alimentação e dormida.

- Reduzir a incidência da perseguição directa ou indirecta sobre a espécie (e restantes aves de rapina).

Orientações de Gestão:

- Implementar um programa de erradicação do uso de ilegal de venenos na actividade cinegética e no meio rural;
- Ampliar as sanções legais para os prevaricadores em matéria de perseguição/abate de espécies protegidas;
- Aumentar eficácia dos meios e dos esforços de fiscalização à actividade cinegética e no meio rural;
- Assegurar protecção e vigilância aos dormitórios importantes da espécie;
- Compatibilizar a gestão cinegética com a conservação de aves de rapina, em zonas de caça através do estabelecimento de protocolos e implementação de manuais de gestão ambiental;
- Regular o uso de pesticidas e adoptar técnicas de tratamento alternativas, como por exemplo utilizar substâncias mais facilmente degradáveis, cujo impacto ambiental não seja tão nefasto;
- Promover a agricultura biológica;
- Promover o estudo do impacte das linhas eléctricas de transporte de energia sobre as aves de rapina através da avaliação do impacte dos principais troços e determinação da perigosidade das linhas;
- Realizar uma campanha nacional de sensibilização e educação ambiental da população rural relativamente às aves de rapina;
- Estabelecer ferramentas de decisão legal acerca da instalação de traçados eléctricos nas áreas importantes para a espécie;
- Alterar as características técnicas da rede de linhas de média tensão em zonas importantes para a espécie, nomeadamente proceder à sinalização e correcção de apoios e traçados problemáticos;
- Promover a manutenção e valorização do mosaico agro-florestal através de aplicação de programas de medidas agro-ambientais nos principais núcleos da espécie;
- Promover o reordenamento da floresta portuguesa de acordo com uma moderna filosofia florestal, de modo a prevenir a ocorrência dos grandes incêndios florestais e a promover espaços florestais diversificados;
- Aumentar a disponibilidade alimentar associada às explorações agro-pecuárias através da criação e gestão de campos de alimentação de aves necrófagas.
- Condicionar a instalação de parques eólicos nas áreas mais importantes para a migração da espécie no nosso país.
- Todos os parques eólicos devem ser equipados com sinalizadores anti-colisão e armações de apoios seguras para aves.
- Desenvolver estudos sobre o impacte dos parques eólicos na avifauna durante os períodos de passagem migratória das aves.

Bibliografia:

BirdLife International / European Bird Census Council (2000). *European bird populations: estimates and trends*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

BirdLife International (2004). *Birds in Europe: Population Estimates, Trends and Conservation Status*. BirdLife Conservation Series nº 10, BirdLife International, Cambridge.

Cabral MJ (coord.), Almeida J, Almeida PR, Dellinger T, Ferrand de Almeida N, Oliveira ME, Palmeirim JM, Queiroz AI, Rogado L & Santos-Reis M (eds.) (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal*. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa.

Costa H, Araújo A, Farinha JC, Poças MC & Machado AM (2000). *Nomes Portugueses das Aves do Paleártico Ocidental*. Assírio & Alvim, Lisboa.

Cramp S & Simmons KEL (eds.) (1980). *Handbook of the Birds of Europe, the Middle East and North Africa, (Hawks to Bustards)*, Vol. II. Oxford University Press, Oxford.

Del Hoyo J, Elliott A & Sargatal J (eds.) (1994). *Handbook of the Birds of the World (New World Vultures to Guinea-fowl)*, Vol. 2. Lynx Edicions, Barcelona.

ICN (em prep). *Novo Atlas das Aves que Nidificam em Portugal*. Dados provisórios. Instituto da Conservação da Natureza, Lisboa. Não publicado.

Madroño A, González C & Atienza J C (eds.) (2004). *Libro Rojo de las aves de España*. Dirección General de Conservación de la Naturaleza, Ministerio de Medio Ambiente / Sociedad Española de Ornitología / BirdLife, Madrid.

Palma L (1985). The present situation of birds of Prey in Portugal. *Conservation Studies in Raptors. International Council for Bird Preservation Technical Publication 5*: 3-14.

Palma L, Onofre N & Pombal E (1999). Revised distribution of diurnal birds of prey in Portugal. *Avocetta 23*: 3-18.

Rufino R (1989). *Atlas das Aves que nidificam em Portugal Continental*. Centro de Estudos de Migrações e Protecção de Aves, Serviço Nacional de Parques Reservas e Conservação da Natureza, Lisboa.

Tomé RA, Costa H & Leitão D (1998). *A migração outonal de aves planadoras na região de Sagres. Resultados da campanha de 1994*. Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves. Publicação, 2. Lisboa.

UICN (2004). *2004 IUCN Red List of Threatened Species*. <<http://www.redlist.org>> .

Viñuela J & Sunyer C (1994). *Black Kite* *Milvus migrans*. In: *Birds in Europe: their conservation status*. Pp.148-149. Tucker GM & Heath MF. BirdLife Conservation Series No. 3. BirdLife International, Cambridge.